
Fábulas imagéticas: fotografia, território e agência no projeto fotográfico “Retratistas do Morro”¹

Mariana Falcão Duarte²
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

RESUMO

O projeto *Retratistas do Morro* é composto por mais de 250 mil imagens produzidas entre 1960 e 1990 no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. O presente trabalho investiga o potencial da fotografia em subverter os regimes hegemônicos de visibilidade e representação, partindo em uma perspectiva estética de ficção fundamentada nos estudos de Jacques Rancière e Andrea Soto Calderón. Buscamos identificar a construção de fábulas imagéticas a partir de um pacto entre fotógrafos e fotografados utilizando uma metodologia de análise de imagens que exploram uma imaginação radical no fazer fotográfico. Desta forma, é possível pensar na fotografia como um gesto político de reinvenção do comum e possibilidade de agência, capaz de romper com estigmas históricos e instaurar novas formas de partilha do sensível.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Ficção; Vulnerabilidades.

CORPO DO TEXTO

Registradas entre as décadas de 1960 e 1990 no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, as imagens do projeto fotográfico “Retratistas do morro” compõem um acervo de mais de 250.000 fotogramas, e se configura como o maior acervo iconográfico sobre vilas e favelas brasileiras. De autoria dos fotógrafos e moradores do Aglomerado, João Mendes e Afonso Pimenta, o projeto dá a ver o cotidiano e as memórias de famílias que residiram na região, e permite acompanhar as mudanças políticas, sociais, culturais e econômicas ocorridas no território a partir da segunda metade do século XX.

O discurso midiático sobre este grupo social consolidou o lugar de exclusão e resumiu as existências destes sujeitos a uma condição supostamente irrevogável. Mas no movimento de exposição através das imagens do projeto, estes indivíduos passam a ter rostos dotados de “capacidades enunciativas e demonstrativas de reconfigurar a relação entre o visível e o dizível, entre palavras e corpos” (Marques, 2014, p.75). Rompendo com o imaginário social acerca dos moradores das favelas brasileiras, as imagens do projeto configuram um processo de *autoconstrução imagética*, onde fotógrafos e fotografados criam juntos uma possibilidade de subversão dos modelos de captura a que

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Email: melfalcao@gmail.com

estão habitualmente submetidos. É uma construção do aparecer destes corpos a partir de um pacto entre fotógrafos e fotografados. Através de análises das imagens do projeto é possível identificar performances de experiências outras, que delineiam novas formas de coexistência e conferem distintas modalidades do possível, do real e do necessário (Rancière, 2018). Operando rupturas ao articular desvios nas ordens dadas para compor um novo sentido do comum, as imagens evidenciam um desejo coletivo de mostrar que, para além do viver ordinário, transcorrem também outras possibilidades de ser e estar no mundo.

Jacques Rancière argumenta que a ficção é uma forma de estrutura de racionalidade que se aproxima de uma manifestação solidária e radical entre as invenções literárias e as invenções “que cada vida é capaz de criar” (Rancière, 2021, p.53), possibilitando que diferentes coisas, situações e acontecimentos do mundo cotidiano se façam perceptíveis e inteligíveis. Andrea Soto Calderón (2022), complementa essa perspectiva ao afirmar que a ficção possui uma potência capaz de abrir espaços e levar a vida para outras direções, configurando relações e alterando regimes de visibilidade. Segundo a autora, ao permitir que as imagens se desdobrem de formas imprevisíveis, surge um espaço crítico, de experimentação, onde cada sujeito pode fabular à sua maneira.

As imagens de pessoas em situação de vulnerabilidade, quando articuladas à ficção, revelam-se como uma estratégia potente de subjetivação política e agência dos sujeitos retratados, permitindo que eles transcendam as narrativas de marginalidade que historicamente os enquadraram. Através da ficção, a fotografia demonstra que a construção da realidade é um processo sempre em disputa, onde a imagem opera como um gesto político de reinscrição de vidas e histórias. Estas imagens fissuram ordens e ampliam as oportunidades de se relacionar com as imagens através de uma imaginação radical dos fotógrafos que, ao comporem as cenas, descolaram estes sujeitos das categorias e regimes de representação atribuídas a eles pelas forças que buscaram controlar, não apenas o aparecer e a forma deste aparecer dos sujeitos, mas o que é produzido por eles. Surge então um espaço onde identidades, vozes e hierarquias se reinventam, abrindo fissuras e criando verdadeiras fábulas imagéticas.

REFERÊNCIAS

CALDERÓN, Andrea Soto. **Imaginación material**. Santiago: Metales Pesados, 2022.

MARQUES, Ângela. **Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso**. Artigo: discursos fotográficos, Londrina, v.10, n.17, p.61-86, jul./dez. 2014

RANCIÈRE, Jacques. **João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada**. Traduzido por Inês Oseki-Dépré. Belo Horizonte: Relicário, 2021.